

Renata de Castro Sundin

A Literatura na Formação de Leitores e Escritores

Rio de Janeiro

2003

A LITERATURA NA FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES

RENATA DE CASTRO SUNDIN

Monografia apresentada à Escola de Educação da Universidade do Rio de Janeiro para obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Professora Orientadora: Carmen Sanches Sampaio

Rio de Janeiro

2003

Dedicatória

Ao meu filho Mateus Sundin, que é a razão de tudo que construí até hoje, e de todos os sonhos que ainda hei de realizar.

Aos meus pais, que sempre torceram por mim e que compartilham da minha felicidade neste momento.

Ao meu irmão, que sempre serviu de exemplo para que eu buscasse realizar meus objetivos.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente aos responsáveis por tudo que consegui conquistar na vida até hoje, minha mãe Elizete Sundin e meu pai Sérgio Sundin.

A professora Carmen Sanches, por ter dedicado parte do seu tempo para orientar esta pesquisa.

A amiga Marcela Roiz, pelas dicas e bibliografias sugeridas.

Muito Obrigada, a todos!

Sumário

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO 1 – A LITERATURA NA ESCOLA	10
1.1 – A ESCOLARIZAÇÃO DA LITERATURA	10
1.2 – A FORMAÇÃO DO PROFESSOR	16
CAPÍTULO 2 – OS TEXTOS LITERÁRIOS	19
2.1 – A CRIANÇA E OS DIVERSOS TIPOS DE TEXTOS	19
2.2 – CONTAR HISTÓRIAS: A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA PARA AS CRIANÇAS	23
CAPÍTULO 3 – CONCEPÇÕES SOBRE LITERATURA INFANTIL	28
3.1 – UMA MISSÃO PEDAGÓGICA	28
3.2 – UM GÊNERO POLÊMICO	31
3.3 – O LIVRO INFANTIL	34
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

Para justificar a escolha deste tema preciso, primeiramente, falar um pouco da minha educação e da minha relação com a literatura. Confesso que não foi muito íntima e acredito ter sido este o motivo da minha escolha.

Desde pequena fui criada pela minha avó, hoje falecida, pois meus pais trabalhavam e eu ficava o dia todo na casa dela, e estudava em uma escola extremamente tradicional. Minha avó era alfabetizada, porém nunca frequentou uma escola. Por esse motivo não sabia o que significava literatura, e por não saber o que esta pode nos proporcionar, nunca leu nem contou nenhuma história para mim.

A escola em que estudei, e só hoje consigo constatar, não se preocupava em formar alunos leitores e escritores críticos e conscientes, nem muito menos despertar nas crianças o gosto pela leitura. Sua real intenção sempre foi formar alunos reprodutores, para assim estar garantindo a permanência da ideologia dominante. O aluno não precisa pensar nem criticar, apenas repetir e concordar.

Foi devido a esta educação que não me tornei uma leitora nem escritora competente. Só depois que ingressei na faculdade de Pedagogia que as coisas mudaram. Antes disso eu não tinha idéia da importância da leitura, e o quanto ela pode nos tornar conscientes das coisas ao nosso redor. Hoje tenho consciência que caso tivesse desenvolvido o gosto pela leitura desde cedo, poderia ser mais competente com a leitura e a escrita, entretanto acredito ter recuperado parte do tempo perdido. Desenvolver esta pesquisa está sendo uma vitória para mim.

Por ter consciência da minha competência enquanto leitora e escritora, sabendo que poderia ter feito muito mais, foi que escolhi esse tema em minha monografia. Tenho um filho de 5 anos, seu nome é Mateus, que está iniciando o processo de alfabetização. Preocupo-me muito com a sua educação e por isso resolvi pesquisar como a literatura pode auxiliar na sua formação, e das crianças em geral. Minha intenção é que o Mateus se torne um apaixonado pela leitura.

Todos sabemos que a literatura e a escola podem caminhar lado a lado na educação das crianças, desde a educação infantil em diante. Mas para que esta relação gere bons frutos é necessário que a instituição e seus profissionais saibam como trabalhar com a literatura na formação de seus alunos, de forma significativa.

Desde que cursei a disciplina "Literatura na Educação Infantil" com a professora orientadora desta pesquisa Carmen Sanches, despertou-me um grande interesse em realizar este trabalho. Esta pesquisa poderá auxiliar os profissionais da área de educação, que tiverem acesso a ela.

É sobre esta questão que estaremos discutindo no três capítulos a seguir, em que se divide esta monografia.

O primeiro capítulo chama-se "A Literatura e a Escola", dobradinha esta que existe há muito tempo, e que é responsável pela formação de vários leitores e escritores. Discutiremos esta relação, levantando seus pontos positivos e negativos.

Estaremos também analisando o papel da literatura na educação escolar, questionando a forma como é apresentada e trabalhada dentro de sala de aula, recorrendo a teoria para encontrar fundamentação para tal questionamento.

O tema central deste primeiro capítulo será a participação da literatura na construção do conhecimento. A literatura pode mediar esta relação entre o aluno e o conhecimento, ou apenas atuar no plano do lúdico, sem maiores contribuições para a aprendizagem? Estaremos analisando esta questão, tomando por parâmetro o processo de alfabetização e produção de textos pela criança.

Para chegarmos a uma definição sobre o papel da literatura na formação de alunos leitores e escritores, serão discutidos aspectos fundamentais como: o papel que a escola exerce, e qual sua real função; a preocupação que esta instituição tem de desenvolver o hábito da leitura em seus alunos; a cobrança da leitura através de atividades que podem ser propostas tanto pelo professor quanto pelas editoras dos livros, além das avaliações (testes e provas orais ou escritas); e a formação do professor.

Este último aspecto, por ser bastante relevante no que diz respeito à formação de leitores e escritores, terá um sub-item próprio para discussão. Será analisado o papel do educador na aproximação do aluno com a literatura, e a formação recebida nas escolas e cursos superiores voltados para o magistério.

Na segunda etapa deste texto monográfico serão abordados os tipos de textos literários. No âmbito da literatura existem variações. Além de textos de formas diferentes, existem também tipos de histórias diversos. As narrativas quando lidas ou contadas nos fazem fugir do real, e viajar no mundo da fantasia. Quando se trata de um conto de fadas ou de um clássico, daqueles inesquecíveis, pura magia, não dá vontade de parar de imaginar! Sem esquecer da poesia que enche as nossas vidas de encanto e alegria.

Sobre encantos e magias que estaremos tratando no segundo capítulo. Nesta parte da pesquisa será discutido como a escola trabalha com esta diversidade, se estes textos são ou não apresentados e trabalhados com as crianças. Além disso recorreremos à bibliografia especializada para entender como essa variedade pode estar influenciando na formação de leitores e escritores.

Após discutirmos sobre a situação da literatura, e suas diversidades, dentro de sala de aula, já que estamos tratando da formação de crianças leitoras e escritoras, não poderíamos deixar de reservar um espaço para a literatura infantil. O terceiro capítulo desta pesquisa será dedicado a este gênero literário que fez e continua fazendo a alegria de tantas crianças, e que pode ser o primeiro passo para um mergulho no vasto mundo da leitura.

Primeiramente a literatura infantil será contextualizada no tempo histórico. Vamos verificar quando se deu seu surgimento, relacionando com o princípio da concepção de infância, a partir do século XVIII. Estaremos analisando os motivos principais, da época, de se fazer literatura para o público infantil, já que havia um grande interesse por parte da burguesia, no que diz respeito à formação de suas crianças.

Alguns teóricos afirmam que não deve existir distinção entre literatura infantil e literatura em geral, e que esta diferença contribui para que os livros infantis percam o seu

valor artístico e estético. Ainda neste capítulo aprofundaremos esta questão, analisando tal distinção e verificando os benefícios e os prejuízos para a literatura infantil.

Durante esta pesquisa estaremos abordando a leitura como algo prazeroso, sem deixar de relacioná-la à aprendizagem.

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 2001, p.14)

CAPÍTULO 1

A Literatura na Escola

1.1– A Escolarização da Literatura

Atualmente a Literatura está inserida no cotidiano escolar como uma disciplina do currículo, obrigatória, cuja intenção principal é a formação de leitores que desenvolvam o hábito da leitura. As escolas preocupam-se muito em desenvolver o hábito de ler. Mas o que realmente significa este termo?

Consultando o dicionário Aurélio pude verificar que o termo hábito refere-se à “disposição duradoura adquirida pela repetição freqüente de um ato, uso, costume” (FERREIRA, 1986, p.880). Analisando o significado de tal verbete, podemos concluir que o sistema educacional atual nos faz acreditar que podemos formar alunos leitores, fazendo com que leiam a maior quantidade possível de livros.

Será que um bom leitor é aquele que lê muitos livros, ou aquele que lê bons livros os quais tem a oportunidade de escolher? Formamos leitores pela quantidade ou pela qualidade da leitura?

Se nos preocupamos com quantidade e não com a qualidade do que nosso aluno lê, estamos então formando crianças que terão muita facilidade em decifrar os códigos, as letras a sintaxe. Agora se nos preocupamos com a qualidade das obras que nossos alunos estão lendo, e se dessa leitura pudermos desenvolver atividades interessantes, de acordo com o nosso contexto de sala de aula, aí sim estaremos formando não só leitores mas, provavelmente, também ótimos escritores.

Após essa pequena análise poderíamos então substituir o termo hábito de ler pelo prazer em ler. Será possível a existência de bons leitores que não gostem de ler? Essa deve ser a nossa intenção já que a escola tem como objetivo formar alunos leitores e escritores, que não dominem apenas a linguagem escrita mas também a linguagem literária.

O livro é apresentado ao aluno muito mais como mero instrumento de trabalho vinculado a atividades propostas do que uma aproximação prazerosa. É essa idéia do "prazer de ler", que nas últimas décadas não tem correspondido a avanços pedagógicos e teóricos por parte dos professores que, muitas vezes, ainda relutam em aceitar a sala de aula, sobretudo como um espaço do desfrute da leitura prazerosa e onde poderia ser dimensionada qual é a natureza do prazer do leitor no contato com o texto. (GARCIA & SILVA, 2000, p.18-19)

A escola é um espaço que deve facilitar o contato do aluno com o livro, de forma prazerosa sem dar ênfase a obrigatoriedade da leitura, mas mostrando a ele que ler é importante e que pode dar prazer. A leitura por obrigação acaba afastando a criança do livro, e dificultando o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Ter contato com Monteiro Lobato é um direito de toda criança brasileira. O que não significa dizer que toda criança em nosso país tem obrigação de ler sua obra. Leitura de literatura não é um dever. É um direito. Todos devem ter garantido seu acesso a ela, por meio da oportunidade de conhecer os livros, de tê-los em mãos, de ter tempo para eles e orientação nesse contato. (MACHADO, 2001, p.153)

Além disso existem as atividades que são cobradas dos alunos após a leitura. Muitas escolas e educadores acreditam que provas de livros são instrumentos eficazes para fazer com que as crianças leiam, grande erro estão cometendo os nossos professores com seus alunos! Um dos fatores que me afastou um pouco da leitura, quando era pequena, foi esta obrigatoriedade. Recordo-me e acabo me identificando bastante, pois na escola, eu e meus colegas só líamos os livros para fazermos as provas. De vez em quando algum colega fazia um resumo da história com os acontecimentos e os personagens principais, e distribuía cópias para os demais. Se isto acontecia, nós nem precisávamos ler o livro todo.

As leituras que não são cobradas através de provas, são exploradas com atividades em sala de aula. Muitas vezes são exercícios que fogem do contexto da história que foi lida, enfocando apenas a gramática. Há uma associação por parte da instituição escola, entre literatura e atividade. Não estou afirmando com isso, que as atividades após a leitura não sejam relevantes, algumas até facilitam a compreensão e a interpretação do que foi lido. Enfatizo apenas que não devem ser obrigatórias. Ler

literatura já é uma atividade em si, e muito significativa para a formação de leitores e escritores.

O texto sem leitor é um texto em estado de repouso, é o ato de ler que revitaliza e acorda o sistema de vida, valores e formas expressos no texto. O texto sendo lido é o texto em atividade. Assim ler o texto é a atividade do texto. (...) Se veemente acreditássemos e compreendêssemos este fato, nós, educadores, iríamos valorizar a leitura, mais do que os exercícios que com ela fazemos. (AMARILHA, 1997, p.89)

Quando o professor perceber que ao lerem um livro, seus alunos se interessaram pela história a ponto de perguntar e discutir sobre os acontecimentos, neste contexto valerá a pena dar continuidade a este interesse, desenvolvendo uma atividade complementar que enriqueça a leitura. Em uma situação como esta, por exemplo, os alunos participarão ativamente e estarão interagindo com a história, fator indispensável já que temos como objetivo formar leitores e escritores em potencial.

É necessário que o professor tenha sensibilidade e que conheça bem os seus alunos, para perceber o momento oportuno de explorar de forma significativa, uma leitura realizada pelas crianças. Isso vai depender muito do contexto de sala de aula.

Em relação à atividade mais adequada, esta vai se dar de acordo com a formação e a criatividade do professor. Além disso não podemos esquecer o que já foi citado no parágrafo anterior: só o professor convivendo e conhecendo seus alunos, percebendo os pontos onde existe a maior quantidade de dúvidas e os temas mais abordados e discutidos, poderá elaborar junto com a turma uma atividade.

Muitos professores recorrem às fichas de leitura que são elaboradas pelas editoras, por falta de intimidade com a leitura, ou por não terem uma formação enquanto leitores, ou seja, sem saber o que fazer com o que seus alunos leram, acabam optando por estes encartes padronizados que acompanham os livros.

O problema é que atividades sugeridas indiferenciadamente para muitos milhares de alunos, distribuídas em pacotes endereçados a anônimos e despreparados professores, passam a representar a varinha mágica que transformará crianças mal alfabetizadas e sem livros disponíveis em bons

leitores. Favorecem ainda a crença de que sua realização operará o milagre de transformar os professores em orientadores de leitura, fazendo vista grossa à sua pouca familiaridade com livros, não questionando sua leitura quantitativa e qualitativamente muito pobre, deixando intocada sua estranheza face a práticas mais significativas da linguagem. Na rotina de tais atividades camuflam-se riscos sérios de alienação da leitura. (LAJOLO, 2002, p.72)

Silva complementa afirmando que

Difícilmente se faz ou se educa um leitor para a fruição de qualquer tipo de texto, quando a intermediação da criança com o mundo da escrita é feita por um professor que, devido as suas condições de trabalho, é colocado na posição de tarefeiro ou de biscateiro cultural. (SILVA, 1989, p.13)

As escolas têm cobrado de seus alunos que a leitura seja feita em um determinado prazo, e confirmada através de uma avaliação, onde são verificados aspectos sem muita importância para a interpretação da obra, como: Qual o personagem principal?; Em que cidade se passa a história?; Quantos personagens têm na história?; etc, perguntas estas bastante irrelevantes, onde se deixa de lado a essência da trama e também o ponto de vista do leitor, pois toda turma tem a mesma resposta para essas questões, o que inibe a discussão e a troca de idéias em sala de aula.

O professor precisa estimular a discussão em sala de aula, deixando que seus alunos exponham as suas interpretações em relação à história. Dessa forma as crianças estarão desenvolvendo o espírito crítico enquanto leitores. Quanto mais texto o aluno lê e discute apresentando a sua argumentação, mais facilidade ele terá em interpretar as próximas leituras, aumentando assim as possibilidades de se tornar um leitor competente.

Um leitor competente, provavelmente irá tornar-se também um escritor competente. Basta que a escola saiba desenvolver esta competência em seus alunos, não esquecendo de tratar a leitura como algo prazeroso e não como uma obrigação.

A linguagem literária organiza os fatos em forma diferente da linguagem oral do cotidiano, possibilita o treinamento no simbólico e atrai o leitor pelo lúdico, tão estimulante, envolvente e mobilizador. A literatura desenvolve na criança

uma atitude positiva para com a aprendizagem, mas desde que livre e com prazer. (GARCIA & SILVA, 2000, p.21)

A literatura pode tornar-se então mediadora do conhecimento, auxiliando também na aprendizagem das demais disciplinas. Ao tornar-se leitor e escritor através da leitura de literatura, a criança terá mais facilidade em compreender os textos de disciplinas como História, Geografia e interpretar os problemas de Matemática.

A literatura atua na construção do conhecimento, inclusive na fase de alfabetização. É importante que a criança conviva com livros de história desde a educação infantil, para ir já se familiarizando com a escrita.

Para as crianças que já iniciaram o processo de alfabetização, ler e interpretar literatura pode fazer com que o aluno tenha fruição nas produções de texto. Ler literatura faz com que a criança tenha facilidade na escrita, ao invés dos textos das cartilhas, os quais são segmentados e sem sentido, que não estimulam a criatividade nem a interpretação, fazendo com que os alunos aprendam a escrever apenas frases soltas, ou pior, que se tornem ótimos copistas.

A escola ensina as crianças a repetirem e reproduzirem palavras e frases feitas. A escola ensina palavras isoladas e frases sem sentido e não trabalha com as crianças, no ano escolar da alfabetização, o "fluir do significado", a estruturação deliberada do discurso interior pela escritura. (SMOLKA, 2001, p.69)

A literatura pode aguçar a imaginação da criança e estimular a escrita, mas é importante que a criança interprete o texto lido à sua maneira, e registre no papel seus sentimentos e suas impressões sobre o que leu. É desta forma que a literatura pode interferir na aprendizagem da linguagem escrita.

Porque a literatura, como discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social; ao mesmo tempo, instaura e amplia o espaço interdiscursivo, na medida em que inclui outros interlocutores – de outros lugares, de outros tempos – criando novas condições e novas possibilidades de trocas de saberes, convocando os ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece. (IBID, p.80)

A literatura pode ser um instrumento bastante útil na formação de leitores e escritores, para isso basta que ela seja apresentada aos alunos e trabalhada em sala de aula com liberdade. Só o professor poderá definir com a sua turma, como explorar o mundo encantado da literatura.

Ler é essencial ler é básico, não só para formar leitores com incursões na literatura, mas também para aqueles que almejam desenvolver sua competência de boa escrita, participar da aprendizagem de qualquer assunto ou aprofundar-se numa produção cultural mais sofisticada. Além disso, a leitura tem o poder de formar indivíduos questionadores e capazes de posicionar-se conscientemente diante da realidade e inserir-se no contexto de uma sociedade mais moderna, repleta de oportunidades de leitura e que fez da escrita seu código oficial. À instituição escolar, neste sentido, cabe o dever de mostrar os diversos usos que a leitura tem na vida social. (GARCIA & SILVA, 2000, p.21)

A literatura pode abrir caminho para a leitura de todos os tipos de textos e seus variados assuntos. Através do lúdico aproxima a criança da leitura, fazendo com que esta se torne um adulto leitor e escritor competente.

A família deve ser uma aliada da escola na busca dessa formação. A criança age através do exemplo. Ao ver os pais lendo e se interessando pela leitura, esta terá o mesmo interesse. Em casa a criança tem os pais como referência, e na escola tem o professor ou a professora. Família e escola precisam trabalhar em equipe.

1.2 – A Formação do Professor

Um fator de extrema importância na formação de leitores e escritores, é o papel do educador. O professor, através do exemplo, pode estimular as crianças à leitura. Para fazer com que os alunos tenham interesse pela literatura, e principalmente gostem de ler, é fundamental que o professor leia, e tenham prazer em ler. Machado, em entrevista a revista Nova Escola, afirma que nossos professores lêem pouco

... porque a formação que recebem não dá ênfase a isso. É uma situação completamente contraditória. Ninguém contrata um instrutor de natação que não sabe nadar. No entanto, as

salas de aula brasileiras estão cheias de gente que, apesar de não ler, tenta ensinar. Como esperar que os alunos se interessem?(MACHADO, 2001, p.48)

Como podemos ensinar aquilo que não sabemos, ou mesmo sabendo, não fazemos? Como indicar leitura, para nossos alunos, as quais nunca lemos? A criança se espelha nos adultos em tudo que fazem. É claro que a família tem o seu papel, em incentivar a leitura, a escola não consegue dar conta sozinha, precisa do apoio dos pais e responsáveis. Entretanto, a escola é um ambiente favorável para desenvolver o interesse pela leitura, e nela, o maior espelho para a criança é o professor. Se este não tiver um relacionamento íntimo com a leitura, não conseguirá aproximá-la dos seus alunos.

Em termos bem simples, estou convencida de que o que leva uma criança a ler, antes de mais nada, é o exemplo. Da mesma forma que ela aprende a escovar os dentes, comer com garfo e faca, vestir-se, calçar sapatos, e tantas outras atividades quotidianas. Desde pequena, vê os adultos fazendo assim. Então, também quer fazer. Não é natural, é cultural.(MACHADO, 2001 p.116)

Não podemos ser injustos com os nossos professores, nem sempre a culpa está neles. A maioria não lê, pelo mesmo motivo que seus alunos. Não foram incentivados desde pequenos, e além disso, não teve em sua formação, a preocupação com a importância da literatura em sala de aula, em despertar nas crianças a vontade de ler. Por não terem desenvolvido o gosto e o interesse pelo livro, acabam por conhecer pouco sobre literatura, sobre os variados tipos de textos literários, e as principais obras. São limitados, e acabam limitando seus alunos.

Porque, de verdade, a professora trabalha com um leque muito estreito de alternativas... Conhece pouco de literatura infantil, em geral aqueles livros que as editoras enviam para sua casa/escola ou aqueles cujos autores estão mais dispostos a divulgar seu trabalho... (e fica difícil achar que, por um desses dois métodos, realmente se chegue a acompanhar o que é publicado de relevante, de significativo, de bom...) O critério reinante, na maioria dos casos, não é o da qualidade do livro, mas o da pronta entrega.(ABRAMOVICH, 2001 p.140)

O professor, por não ser leitor, conhece poucas obras, e por isso, não sabe quais os livros que pode oferecer aos seus alunos, ou seja, não leu, e devido a isto, não

conhece os bons livros, e acaba não permitindo que seus alunos tenham acesso a eles, o que é muito importante na formação do aluno leitor e escritor.

O professor leitor conhece muitas obras que podem ser interessantes para seus alunos, tendo um grande número de opções para que eles possam escolher os que mais lhes interessarem. Nem todas as crianças se interessam pela mesma história. Sorrenti (1995) afirma que o professor tem a responsabilidade de inserir seus alunos no mundo da leitura, e além disso, "cabe a ele selecionar textos adequados e interessantes. O gosto pela leitura é passado, pelo adulto, à criança. Se ele não o tem, como vai passá-lo? A sinceridade é básica. Não se elogia um texto da *boca pra fora*. Soa falso e o aluno percebe". (p. 25)

A criança pode perceber, com facilidade, se o professor realmente conhece e gosta daquela leitura. Ninguém elogia o que não gosta. Este é motivo de ser fundamental que nossos professores leiam bastante, conheçam muitas obras.

Parece redundante, mas é bom enfatizar que, quanto mais obras o professor tenha lido, mais opções terá para oferecer aos seus alunos. Estes, por sua vez, precisam ter oportunidade de escolha sobre aquilo que vão ler, e cabe ao professor conceder-lhes este direito. Direito de conhecer as obras e escolher a que mais lhe agrada.

Na maioria das escolas, ainda hoje, o professor é quem decide qual o livro que os alunos devem ler, sem se preocupar com o que interessa a eles. Isto se dá pelo fato de o professor ler pouco, ou quase nada, o que acaba se tornando cômodo para ele, pois indicando apenas uma leitura, este também lerá apenas um livro. No trecho a seguir, Abramovich questiona o fato do professor cobrar que o aluno leia com interesse, se ele mesmo não se interessa pela leitura.

Como fazer um aluno ler com gostosura e descoberta, se eu não me interesso pelo que ele vai ler??? Como reclamar de todas as impicâncias e caras desanimadas, se eu também não mergulhei na leitura com prazer e querência?? Como introduzir meu aluno nas maravilhas dum texto bem escrito, se eu mal dei uma passada de olhos por cima de tantas palavras, palavrinhas, parágrafos enormes?? Como analisar as ilustrações se eu passei rapidinho por elas e não atentei

pro que queriam me contar, me ampliar?? Como falar mais do encantamento da história, das emoções sentidas e vividas pelos personagens, das sofrências e alegrias, dos sufocos e deslumbrâncias, se eu deixei passar batido tudo isso em mim?? Como fazer a criança ou jovem lerem se eu leio tão pouco?... (ABRAMOVICH, 2001 p.31)

É por tudo isso, que devemos reconhecer a importância da literatura estar inserida na formação dos nossos professores, e também por sua formação enquanto cidadão leitor do mundo, pelo desenvolvimento do pensamento crítico, através da leitura. Além disso, poderão descobrir o prazer de abrir um livro, e ler uma boa história.

Cada vez mais, quando me aflige essa situação, creio que temos de descobrir meios de facilitar a imersão do professor em leitura boa. Para si mesmo. De coisas que lhe dêem prazer e o atraiam, que despertem sua paixão de ler. Antes de mais nada: as escolas que formam professores, nos diversos níveis, têm que incluir literatura. (MACHADO, 2001 p.124)

Em suma, podemos afirmar que cabe ao professor apresentar a leitura para a criança, como algo que traz prazer e conhecimento, através do seu exemplo enquanto leitor. E por isso, é importante que as escolas e universidades que formam professores estejam comprometidas em inserir seus alunos no mundo da literatura, lhes dando base para um trabalho de qualidade com o texto literário, em sala de aula.

Pensamos caber à Universidade, através das Faculdades de Letras, de Educação e de Biblioteconomia, e aos Cursos de Preparação para o Magistério de 1º Grau (séries iniciais) a tarefa de dar a seus estudantes – os futuros educadores – a possibilidade de indagar, pesquisar, criar, recriar, de maneira que a literatura venha a ter uma função atual, verdadeiramente recreativa estética – e por isso social e renovadora –, entre as atividades da criança e do adolescente. Isso ocorrerá com facilidade quando a literatura for um valor para o próprio estudante. (CUNHA, 1994 p.18)

Com esta formação o professor pode tornar-se um leitor crítico em condições de reconhecer uma boa obra, e assim buscar seus próprios caminhos e técnicas de trabalho com a literatura. Isso se dá ao longo de um acúmulo de leituras que enriquecem a própria experiência.

CAPÍTULO 2

Os Textos Literários

2.1 - A Criança e os Diversos Tipos de Textos

Como já discutimos no capítulo anterior, para que o professor possa formar alunos leitores e escritores, é importante que ele próprio seja um leitor e tenha prazer em ler, para assim poder incentivar seus alunos. Qualquer professor leitor sabe a variedade de textos que a literatura pode oferecer ao leitor, e sabe também como é importante que seus alunos convivam com os variados tipos de textos literários.

A criança não pode ler somente as obras enquadradas no gênero infantil, ela deve ter o direito garantido de escolher a história que mais lhe agrada, a poesia que mais lhe encanta, o conto de fadas em que ela mais se identifique, o texto que tiver vontade de ler.

A maioria das escolas priva as crianças de terem contato com os diversos tipos de textos literários, estabelecendo duas ou três obras por ano para que todos os alunos leiam as mesmas histórias, sem terem direito de escolha. Além disso não costumam fazer visitas à livrarias ou bibliotecas (inclusive muitas escolas não possuem bibliotecas) com o intuito de apresentar várias obras aos alunos, cada uma com um tipo de texto diferente, o que poderia fazer com que eles conhecessem mais sobre literatura e assim escolhessem aquela obra que fosse mais interessante. Como diz Abramovich (2001) "ir a livrarias com as crianças-alunas, como se fosse um passeio (como se vai ao zoológico, ao parque ou a outra atração da cidade), é possibilitar a descoberta de maravilhas insuspeitas..."(p.150).

Esta instituição privilegia também , principalmente entre os pequenos, o texto em prosa. Acreditam que essa forma de escrever utiliza uma linguagem mais clara para as crianças, deixando de lado a poesia por ser considerada complexa ou com pouco sentido para o público infantil. Segundo Cunha (1994), "normalmente, imaginamos que a criança não gosta de poesia, conceito falso, ou decorrente de erros nossos no tratamento do poema levado à infância" (p.118).

Ou quando a poesia é apresentada para as crianças, esta relação se dá de forma não muito agradável para o leitor ou ouvinte. São poesias bobas com conteúdos moralizantes ou até mesmo sem graça, que as crianças acabam por perderem o interesse em ler ou ouvir. Grande parte dessas poesias que as escolas trabalham com os alunos, tratam de assuntos como hábitos de higiene, preservação do meio-ambiente, patriotismo, respeito aos mais velhos, etc., e além disso usam uma linguagem boba, cheia de diminutivos que faz a criança se distanciar da poesia, por ser inteligente e sensível, o que faz ela rejeitar textos que sejam pobres literariamente.

A criança é inteligente e sensível o suficiente para ler algo de qualidade. Todos nós sabemos que ela pode e é capaz de entender e sensibilizar-se com poemas maravilhosos, é só dar ao aluno a oportunidade de conhecer estes textos.

A POESIA PARA CRIANÇAS, ASSIM COMO A PROSA, TEM QUE SER, ANTES DE TUDO, MUITO BOA! De primeiríssima qualidade!!! Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita... Mexendo com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa... Prazerosa, triste, sofrente, se for a intenção do autor... Prazerosa, gostosa, lúdica, brincante, se for a intenção do autor. (ABRAMOVICH, 2001 p.67)

A escola costuma trabalhar com a poesia em sala de aula, explorando a sua forma e esquecendo o conteúdo. É apresentada em uma ou outra unidade do livro didático para que seja trabalhada a simetria dos versos, abrindo mão do que é mais importante, a mensagem do texto, o sentimento do autor ao escrever, e em que isto pode interferir na vida do leitor. Os alunos precisam analisar criticamente o texto, expôr a sua interpretação e a sua opinião sobre o ponto de vista do poeta. É assim que podemos formar leitores e escritores.

Na escola em que eu estudava, poucas vezes tive contato com poesia, e quando tinha, era da forma em que citei acima, completamente "escolarizada", ou seja maltratada. As poesias que líamos eram aquelas que apareciam no princípio dos capítulos dos livros didáticos, ora como epígrafes ora como textos a serem explorados

sintaticamente, na maioria das atividades a semântica era esquecida ou pouco trabalhada.

Geralmente no mês de setembro, a escola organizava um concurso de poesias, dos quais nunca participei, onde as crianças apresentavam as suas composições e os melhores ganhavam medalhas e livros como premiação. Como poderíamos escrever belos poemas, se mal sabíamos o que era isto?

Relegada a um plano secundário a poesia é apropriada pela escola em ocasiões especiais tais como dias de festas comemorativas, discursos de formatura e festivais de poesia. Estas ocasiões infelizmente são mais um desserviço à arte do que a sua promoção. Chegando mesmo, em certos casos, para críticos mais radicais, ser preferível que tais eventos nunca tivessem ocorrido. (CARVALHO, 2000, p.55)

O professor precisa inserir a poesia em sala de aula como arte. Recitar poema para as crianças, deixar que eles leiam também em voz alta ou para si mesmos, dar-lhes a oportunidade de brincar com as palavras escrevendo seus próprios poemas, sem que depois precise corrigir a simetria dos versos. Se o trabalho for realizado desta forma, poderemos formar muitos alunos poetas. Abramovich nos dá uma pista de como inserir a poesia no cotidiano escolar de forma lúdica e interessante para os alunos.

Quando se for ler poesia em classe, ou textos de pura prosa poética, deixar o aluno ler em voz alta. Curtir cada palavra, degustar cada imagem, se divertir com cada achado. Se embalar no ritmo, balançar com a cadência, sublinhar cada boniteza especial. Deixar viver a comparação. O verso ou frase que um gostou mais é diferente da do aluno que senta ao lado. A palavra ou parágrafo que outro curtiu apaixonadamente passou despercebido do colega. Trocar essas descobertas pode ser uma grande ampliada. Linda!!! E depois, quem quiser, copiar no seu caderno ou agenda aquela maravilha lida, pra poder usar numa carta especial, reler de notinha, falar baixinho pelo telefone. Arrepiante! (ABRAMOVICH, 2001, p.47)

Que tal experimentarmos esta forma de se trabalhar a poesia com os nossos alunos? Os educadores precisam experimentar. Esta é a fórmula. Atividades lúdicas e originais, formuladas de acordo com o contexto da sala de aula pode estimular bastante as crianças.

Voltando um pouco para a narrativa, as crianças que já experimentaram ler os livros que chamamos de clássicos universais, com certeza ficaram encantadas e irão carregar estas histórias em si para toda a vida. Podem ter sido escritas há séculos, porém isso não importa para o leitor, mas sim o prazer que uma boa história pode proporcionar independente do seu tempo de existência. São obras antigas que se renovam a cada vez que uma criança as tem ao alcance dos olhos.

As crianças precisam ter acesso a estas histórias, são relíquias culturais e também muito divertidas. Não é necessário que seja lido o original. Existem várias adaptações para as crianças principalmente. A escola ou mesmo a família pode proporcionar um primeiro encontro da criança com os clássicos, estou certa de que será uma emoção inesquecível para o pequeno leitor. Machado não recomenda que este primeiro contato se de com um livro original:

Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que se deve procurar propiciar é a oportunidade do primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. E que possa redundar na construção de uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda vida. Mas ainda: na torcida para que, dessa forma, possa equivaler a um convite para a posterior exploração de um território muito rico, já então na fase das leituras por conta própria. (MACHADO, 2002, p.12 – 13)

É nosso papel pôr esse gostinho na boca da criança, para que mais tarde o interesse pela leitura dos clássicos possa fluir voluntariamente. Se a paixão pelos clássicos nascer na infância, esta só tem a crescer na maturidade e quem sabe dar alguns frutos. Grandes autores têm na sua bagagem cultural a leitura de clássicos que lhe serviram de inspiração em suas obras. Para se formar um bom escritor precisamos primeiramente formar um bom leitor.

Na verdade o mais importante para a formação de leitores e escritores no que diz respeito aos tipos de textos, é deixar que o aluno experimente um pouco de cada e desenvolva a sua preferência a partir do conhecimento de cada um. Não podemos optar sem conhecer todas as opções. Cabe a escola proporcionar este conhecimento aos seus alunos.

2.2 - Contar Histórias: A Importância da Narrativa para as Crianças

Todas as vezes que a história é recontada, que as palavras são recitadas, que a melodia é de novo ouvida, que o mito é repetido, voltamos às nossas origens.

(Rubem Alves)

A origem da literatura é oral. Antes das histórias serem registradas nos livros, elas eram passadas de geração em geração através da oralidade. As famílias reuniam-se, geralmente à noite, para contarem e ouvirem histórias. Os contos de fadas que nós conhecemos hoje em dia, tiveram essa origem. Eram histórias contadas pelo povo, as quais cada um contava do seu modo até chegarmos aos livros de contos de fadas que conhecemos atualmente. Grande parte dessas relíquias foi incorporada pelas crianças, e hoje fazem parte do que se denomina literatura infantil.

Alguns autores explicam que, na verdade, os contos de fadas não são reconhecidos como literatura pelos críticos literários, devido a sua origem popular, ou seja, não tiveram a autoria de um autor específico. Todos que contavam a história do seu jeito, era como se naquele momento, se transformassem no autor do conto por estarem registrando nele a sua impressão de mundo, reconstruindo o que contavam.

Esses preconceitos se explicam, provavelmente, pelo fato de que esses contos são criações populares. Isso significa que foram feitos por artistas do povo, que ficaram anônimos, não por escritores que ganharam a celebridade e o reconhecimento. E que trabalharam coletivamente – quem contava um conto aumentava um ponto, acrescentava uma situação, modificava um detalhe, repetia um elemento. Não foram obras de um único autor, consciente de seu ofício, trabalhando elaboradamente em cima de uma idéia.
(MACHADO, 2002, p.69)

Por muitos séculos essas histórias permaneceram no âmbito da oralidade, e graças à memória dos que contavam, elas foram perpetuando-se com as modificações que cada narrador acrescentava. Um dos primeiros escritores a registrar estas histórias e editar um livro com algumas delas que conseguiu resgatar da cultura popular, foi o francês Charles Perrault. Seu livro foi publicado em 1697 e chamava-se “Histoires ou Contes du Temps Passé, Avec des Moralités”, o qual reunia 11 contos, tendo como

público alvo os membros da corte francesa. Perrault com sua escrita poética, inseriu um conteúdo moralizante, com função educativa nas histórias que registrou, isto se deve ao fato de ter uma obra voltada para a corte.

Em 1812 na Alemanha os famosos filólogos Grimm, os irmãos Wilhelm e Jacob, publicaram a obra “Contos da Infância e do Lar” reunindo 210 histórias recolhidas na cultura alemã. Ao contrário de Perrault, registraram os contos em prosa, respeitando a forma como eram contados pelo povo. Abramovich relata que antes desta coletânea, os autores viajaram pelo país colhendo o material para que pudessem editá-lo.

Os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, foram estudiosos, pesquisadores, que em 1800 viajaram por toda a Alemanha conversando com o povo, levantando suas lendas e sua linguagem e recolhendo um farto material oral que transcreviam à noite. (ABRAMOVICH, 2001, p.123)

Inspirado nos irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, um dinamarquês de origem humilde, além de recolher alguns dos contos já conhecidos popularmente, criou “várias histórias novas, seguindo os modelos dos contos tradicionais, mas trazendo sua marca individual e inconfundível – uma visão poética misturada com profunda melancolia” (MACHADO, 2002, p.72).

Os contos de fadas atualmente são sinônimos de literatura infantil, porém sua origem não tinha a intenção de agradar as crianças. Com o passar dos anos é que essa relação entre os contos e as crianças foi estreitando-se, ao mesmo tempo que afastando-se dos adultos. Apesar de que essas histórias ficaram e ficarão para sempre em nossa memória, desde quando éramos crianças até quando estivermos bem velhinhos.

Existe uma certa ambigüidade para se explicar o motivo pelo qual os contos de fadas tornaram-se exclusivamente infantis. Essas histórias, como já mencionado anteriormente, não são reconhecidas pelos estudiosos e críticos da área, como obras literárias pelo seu conteúdo ser considerado pobre, ou seria melhor dizer popular. Isto explicaria o fato de ter sido bem recebido pelo público infantil. Porém existem críticos que acreditam na ordem inversa dos fatores, ou seja, por terem sido escritos para as crianças, não possuem qualidade enquanto literatura.

Duplo preconceito. E inteiramente equivocado. Por um lado, não foram escritas com o objetivo específico de procurarem a garotada como público-alvo. Por outro lado, o alto nível de sua qualidade artística e a sua força cultural são atestados pela sua universalidade e sua permanência. Só para darmos um exemplo: conhecia-se uma versão de "Cinderela" no antigo Egito e, na mesma história, o motivo do pé pequenino que seria o único a caber num sapatinho de cristal, muito provavelmente, vem da antiga China, onde existia o costume de comprimir os pés femininos para não crescerem como ideal de beleza. (IBID, 2002, p.68 – 69)

Até os dias de hoje, apesar da maioria das histórias estarem registradas nos livros e ao alcance de todos (ao menos deveria), podemos ver, por todas as partes, contadores de histórias que fazem dessa atividade sua profissão, encantando crianças e adultos com a sua arte e com as histórias que contam. Existe locais que ainda desenvolvem festivais onde vários artistas apresentam-se contando histórias. Alguns destes, para sobreviverem ou até mesmo por prazer, apresentam-se em escolas e festas infantis, fazendo com que crianças e adultos não consigam deixar de prestar atenção até o desfecho da história.

Muitas crianças ainda gostam de ouvir histórias antes de dormir. Ao som da voz do papai, da mamãe, da vovó ou de alguém que goste muito da criança, ela se interessa mais ainda pela história, se for contada com carinho e afetividade. Isto pode influenciar muito na relação da criança com o livro, ou seja, com a literatura.

As conquistas da imprensa não inutilizaram por completo o ofício de narrador. Por toda parte ele se mantém, e a cada instante reaparece, por discreta que seja sua atuação. Antes de todos os livros, ele continua presente nas manifestações incansáveis da literatura tradicional: na canção de berço que a mamãe murmura para seu filho; nas histórias que mães, avós, criadas, aos pequenos ouvintes transmitem; nas falas dos jogos, nas parlendas, nas cantigas e adivinhas com que as próprias crianças se entretêm umas com as outras, muito antes da aprendizagem da leitura. (MEIRELLES, 1984 p.49)

Em todas as idades, as crianças gostam e precisam ouvir histórias. Para atrair o interesse dos pequenos, é importante que a história seja contada por alguém que goste de ser narrador e que conheça muito bem todos os trechos da narrativa. O ouvinte pode acabar percebendo quando o narrador não está familiarizado com a história que está contando, o que acarreta no desinteresse pelo que está sendo contado. A história fica

sem graça pelo excesso de pausas que podem ocorrer, quando não se conhece a história. O narrador não pode se surpreender com os acontecimentos, ele precisa ler toda a história antecipadamente. Abramovich, no seguinte trecho, expõe a importância do narrador conhecer bem a história que irá contar:

Daí que QUANDO SE VAI LER UMA HISTÓRIA – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ao fazendo ponto final quando aquela idéia continuava, deslizando na página ao lado... Pior ainda, ficar escandalizado com uma determinada fala, ou gaguejar ruborizado porque não esperava encontrar um palavrão, uma palavra desconhecida, uma gíria nova, uma expressão que o adulto-leitor não usa normalmente... Aí não há como segurar a sensação de ridículo e mal-estar, e tudo degradingola... (ABRAMOVICH, 2001, p.18 – 20)

Qualquer história pode ser contada a criança, sem que tenha de ser necessariamente infantil, basta que o conteúdo não seja impróprio, e que seja interessante para quem está ouvindo, pois esse é o principal requisito.

É importante que o professor conte histórias para as crianças desde a educação infantil, para que elas possam desde cedo ir se familiarizando com a literatura. O professor pode, ao mesmo tempo em que narra a história, ir mostrando o livro para a criança, assim ela percebe que o que está ouvindo está registrado, e que ela pode ter acesso quando quiser. Isto pode estimular o gosto pela leitura mais tarde, quando ela já estiver dominando a linguagem escrita, além do livro ser um mediador na formação de leitores e escritores.

As crianças mais velhas, já alfabetizadas, também precisam ouvir histórias, pois estimula a imaginação desenvolvendo a criatividade. Porém desenvolver habilidades deve ser uma consequência e não uma obrigação. Estas crianças devem ouvir histórias também pelo simples prazer de ouvi-las, a professora não precisa se preocupar em fazer

alguma atividade depois da história, ela pode ser contada pelo simples fato de ser legal e interessar aos ouvintes.

Não estou afirmando que a literatura por si só educa, ou seja, atividades bem elaboradas com o intuito de formar leitores críticos são válidas, o que não pode acontecer é uma relação de dependência entre leitura e atividade. A leitura pode e deve, também, ser um fim em si mesma. O professor que conhece bem os seus alunos, pode definir no momento de acordo com o interesse das crianças, se aquela história pode ou não desencadear uma atividade. É importante deixar claro que o mais importante naquele momento é a história, a imaginação das crianças e a interpretação delas em relação ao que estão ouvindo.

CAPÍTULO 3

Concepções sobre Literatura Infantil

3.1 – Uma Missão Pedagógica

A partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia europeia, a criança passa a ser vista como alguém que necessita de cuidados e formação específica, para sua faixa etária. Surge, então, uma concepção de infância, originária da que temos hoje em dia, antes inexistente, com uma preocupação relativa a formação e valorização da criança, e também, em relação ao controle de seu desenvolvimento intelectual e afetivo.

A literatura infantil surge entrelaçada à Pedagogia, quando a escola está sofrendo um processo de reforma e expansão. Já nesta época pensava-se em formas de educar as crianças, passando valores morais e éticos, que a burguesia julgava serem importantes por interesses próprios, e uma delas é a literatura.

Dentro deste panorama é que emerge a literatura infantil, contribuindo para a preparação da elite cultural, através da reutilização do material literário de duas fontes distintas e contrapostas: a adaptação dos clássicos e dos contos de fadas de proveniências folclóricas. (ZILBERMAN, 1998 p.44)

Acreditava-se que este gênero literário poderia ser um meio de instruir as crianças para que chegassem a um futuro promissor, alcançado através dos estudos. A intenção pedagógica era tanta, que os primeiros livros infantis foram escritos por pedagogos e professores. Além disso, havia também, o interesse de perpetuar as idéias da burguesia, e através do livro, fazer com que as crianças internalizassem os valores da classe dominante.

Devido a essa preocupação com a instrução, a literatura infantil sempre esteve mais atrelada à Pedagogia, do que a arte propriamente dita. Aliás não houve muitas mudanças para os dias atuais, com algumas exceções, é claro. Sandroni(1987) conta que “esta ligação pedagogia / livro infantil não era nova e perdura até nossos dias, com conseqüências bastante negativas para o desenvolvimento de uma produção literária que possa preencher as exigências da criação poética”.(p.20)

Na verdade, a escola ainda continua, de modo hegemônico, utilizando o livro como um veículo de valores, carregados de ideologia, que visam a dominação do indivíduo em formação. Isto faz com que a literatura infantil perca um pouco de sua característica principal como obra literária, e seu valor artístico e estético. Acaba por tornar-se, como afirma Zilberman (1998), "colônia da pedagogia".

Cabral complementa, defendendo que

...são as possibilidades de ruptura desses vínculos, deixando visualizar a esfera do estético, do artístico, que podem permitir a afirmação do gênero, a sua legitimidade. Logo, não é o índice de informação passado às crianças pelos livros infantis que lhe asseguraria o estatuto estético, mas o índice de fruição que toda obra de qualidade propicia.(CABRAL, 1998 p.153)

Por ter uma finalidade prática de instrução, a literatura infantil deixa de ser valorizada como arte, sendo vista como algo que pode vir a ser obra literária, mas que ainda não conseguiu alcançar este patamar. Assim como é vista a criança que recebe os conhecimentos que são passados através dos livros e está sendo formada para um dia ser alguém. Essa concepção do "vir a ser" dificulta a valorização deste gênero, e adia um reconhecimento, mais que justo, e merecedor. A literatura infantil "está envolvida por uma capa protetora de enganos e preconceitos que, ao mesmo tempo que a diminuem intelectualmente, reprimem uma averiguação que ponha em evidência sua validade estética ou suas fraquezas ideológicas"(ZILBERMAN, 1998 p.9)

Existem dois tipos de livros infantis, e um deles, todos nós conhecemos muito bem, os quais nos ensinaram a escovar os dentes todos os dias, tomar banho, não responder aos mais velhos, e principalmente gostar de ir a escola e respeitar a professora. O livro não pode ser oferecido à criança, apenas com a intenção de educar, mas também com a intenção de divertir, imaginar e até mesmo, através da leitura, desenvolver a criatividade e a criticidade. É mais do que certo que a leitura forma e transforma, entretanto a leitura descompromissada pode ser muito prazerosa, e também formar leitores e escritores.

Devemos deixar um pouco de lado aqueles livros que, no final da história, podemos verificar qual foi a moral da história, pois esta pode não ter moral, e ao mesmo tempo ter sentido para o leitor, através da pura fantasia. Precisamos oferecer à criança o outro tipo de livro, aquele que explora a capacidade de sonhar e imaginar do leitor. Uma literatura que dê conta da mente infantil, muito mais intuitiva do que lógica, e que esteja vinculada à linguagem artística.

Monteiro Lobato foi o primeiro autor brasileiro a romper com esse modelo de literatura infantil, importado da burguesia européia. Zilberman(1981) afirma ter sido com este autor, que se rompeu

... o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica.(...) Além disto, não apenas utiliza personagens nacionais, como também cria uma mitologia própria autônoma que se repete em quase todas as narrativas; eis por que a presença constante de Pedrinho, Emília, Narizinho, Dona Benta, Tia Anastácia, o Visconde. É igualmente razão de ser êxito literário e estético o emprego de crianças como heróis, o que possibilita uma identificação imediata com o leitor.

(IBID p.54 -55)

Neste trecho, Zilberman ressalta algo de grande importância para o leitor, a identificação com o livro, com os personagens e a história em si. Interagir com o texto faz com que a criança se torne um leitor ativo, ou seja, aquele que lê e reflete sobre o que está lendo, o que gera uma consciência crítica da leitura. Nossos alunos não podem ser leitores passivos que lêem, internalizam o que foi lido, porém não pensam, além de não serem estimulados a isso, adquirindo valores sem pensar e discutir sobre eles.

Aliás, é desta forma que a literatura infantil deve estar atrelada à Pedagogia, com o intuito de que a criança leia e reflita criticamente sobre o que está lendo, mas de forma lúdica e agradável, com discussões que possam facilitar a construção do conhecimento pela criança, além de desenvolverem o gosto pela leitura, que é o que, realmente, pode aproximar a criança do livro.

Escola e literatura infantil têm, e sempre tiveram uma relação de interdependência. A escola encontra no livro infantil o meio de passar aos alunos valores

éticos e morais, de acordo com a ideologia da classe dominante. Já a literatura infantil tem a escola como garantia de sua sobrevivência. "E os livros para crianças não deixaram nunca de encontrar na escola entreposto seguro, quer como material de leitura obrigatória, quer como complemento de outras atividades pedagógicas, quer como prêmio aos melhores alunos."(LAJOLO, 2002 p.66)

As altas tiragens e reedições dos livros infantis são, em grande parte, "patrocinadas" pela escola, a qual adota os livros para que seus alunos leiam, fazendo com que eles comprem os exemplares. Este mercado favorece o crescimento e perpetua a literatura infantil, apesar de, nem sempre, manter a sua qualidade. É exatamente por existir essa relação de interdependência entre escola e literatura, que as editoras lançam livros que interessem à sua parceira, livros que eles sabem que as escolas vão adotar, pois é dessa relação que se mantém várias editoras de livros infantis.

3.2 – Um Gênero Polêmico

Estamos vivendo uma época em que se discute muito o termo Literatura Infantil, e o que ele representa. Aliás, não é de hoje que este tema é discutido. Muitos especialistas no assunto têm levantado questões que nos levam a pensar sobre existência deste gênero literário, e seu reconhecimento enquanto literatura.

A literatura infantil é também literatura, e pode não ser obrigatoriamente lida pela criança, apesar ser este seu público alvo. Um livro infantil pode ser lido também pelo adulto, com interesse, gosto e satisfação. Sorrenti explica que "do ponto de vista estético, não existem diferenças entre a obra literária destinada a adultos e aquela escrita para crianças, isto é, um bom livro será lido tanto pela criança como pelo adulto"(1995, p.24).

Caracterizar um livro como literatura infantil significa lhe impor limite em relação ao leitor que poderá ter contato com aquela obra. Nesse caso, acredita-se que o livro foi escrito "para crianças", o que pode afastar os adultos de uma obra que, caso conhecessem, talvez lhes agradaria mais que uma obra escrita "para os adultos". Podemos afirmar que por esse preconceito muitos adultos podem perder a oportunidade

de se encantarem com um livro dito infantil. Assim como existem livros que, a princípio, não tiveram a intenção de serem lidos pelo público infantil, entretanto muito o agradaram, como os clássicos "Robinson Crusóé", "As Viagens de Gulliver", dentre outros. Livros infantis também podem tornar-se próprios para adultos, basta encantá-los com suas histórias.

Outro dia, pesquisando para escrever esta monografia, encontrei um site na Internet no qual constam várias informações sobre um dos mais famosos autores de livros infantis, Ziraldo. Neste site podemos conhecer todas as suas obras, principalmente a mais lida de todas, "O Menino Maluquinho". Lembrei-me que, mesmo quando criança, nunca tive a oportunidade de ler este livro, tão famoso, que seu personagem principal já foi o mascote de campanhas para incentivo à leitura. Apesar de tanta repercussão em relação a este livro, me dei conta de que, ao menos, conhecia a história e, então resolvi que tinha de comprá-lo, até mesmo para que eu pudesse ler para o meu filho Mateus, de 5 anos de idade. Eu e ele ficamos encantados com a história e pudemos descobrir o motivo de tanto sucesso. O final é encantador! Gostei tanto que até já perdi as contas de quantas vezes reli.

Estou expondo este fato, pois é com experiência própria que posso afirmar que um livro escrito a priori para criança, pode encantar e emocionar qualquer adulto que estiver disposto a conhecer sua história.

O gênero Literatura Infantil tem a meu ver existência duvidosa. Haverá Música Infantil? Pintura Infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito adulto? Qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens e aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado a crianças desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo?(ANDRADE, 1964)

Assim como a literatura infantil pode invadir o universo adulto, sendo apreciada por muitos deles, a criança também pode se interessar por livros que não tenham como alvo, o público infantil, mas que pode fazer a alegria de muitas crianças. Discutiremos este assunto, mais profundamente no próximo tópico.

A literatura infantil sofre com a qualidade das obras que pertencem a este gênero. Devido a isso, acaba por perder seu valor estético, deixando de ser reconhecida dentro da literatura em geral. Qualquer livro que tenham como personagens bichos que falem, ou uma princesa que é salva por um príncipe, mesmo sem uma linguagem literária que caracterize a obra, entra no campo da literatura infantil.

Alguns autores e editoras parecem acreditar que a criança não precisa ter acesso a obras literárias de qualidade, pois se tivessem não iriam compreendê-las. E por isso juntam meia dúzia de palavras para tentar convencer a criança de que, o que ela está lendo, é literatura. Sorrenti, através do pensamento de Sosa (1978) afirma que

*... muito do que se escreve com rótulo **para crianças** é recusado por elas, por ser elementar e pobre. Sendo assim, é conveniente pensar que o leitor infantil é, sobretudo, um leitor crítico. E mais: a criança é espontânea e diz se o livro agradou ou não. (p.24)*

Conforme já discutimos anteriormente, outro fator que também afasta a literatura infantil da literatura geral, fazendo com que a primeira perca seu valor enquanto arte, é a sua relação com a Pedagogia e sua função educativa, que nós podemos detectar em vários livros infantis.

Porque a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a Pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores. E não é porque estes ainda não alcançaram o status de adulto que merecem uma produção literária menor. (ZILBERMAN, 1998 p.23)

Este comprometimento com a Pedagogia acaba por afastar as produções infantis do campo da Literatura. Entretanto não podemos esquecer da importância que a escola tem no relacionamento das crianças com a obra literária. A Pedagogia pode e deve estar comprometida com a literatura no que diz respeito à sua inserção no cotidiano das crianças, e não no conteúdo das histórias.

... não posso concordar que a literatura seja tão soberana e "pura" ou santificada" assim e dispense uma pedagogia e a intermediação dos professores a fim de garantir o seu assentamento nas escolas. A decisão pela inserção da

literatura nos currículos escolares já é, em si mesma, pedagógica, apontando para o reconhecimento do seu valor social e, conseqüentemente, obrigatória em termos de formação dos cidadãos.(SILVA, 1989, p.12)

A leitura pode ser prazerosa mesmo quando mediada pelo professor dentro de sala de aula, e além disso formar alunos leitores e escritores, fazendo com que fiquem muito íntimos da literatura. Esta dobradinha Pedagogia-Literatura quando bem explorada pode dar certo sem trazer prejuízos para nenhuma das partes.

3.3 – O Livro Infantil

Ah! Tu, livro desprezioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal.
(Cecília Meirelles)

Se pudéssemos perguntar a cada professor, o que para ele, seria um livro infantil, a grande maioria teria a mesma resposta: "É um livro colorido, cheio de figuras, com pouco texto, de linguagem fácil, acessível às crianças", dentre outras características.

Os livros infantis são escritos por autores adultos, que acreditam ser suas histórias, interessantes para as crianças. Estes autores deviam estar preocupados, antes de mais nada, em não permitirem que se percam as características essenciais de uma obra literária e não que os livros sendo coloridos, com história e linguagem de fácil compreensão sejam bobos e pobres literariamente, mas satisfaçam seu público alvo.

Mais do que uma literatura infantil existem livros para crianças. Classificá-los dentro da Literatura Geral é tarefa extremamente árdua, pois muitos deles não possuem, na verdade, atributos literários, a não ser os de simplesmente estarem escritos. (MEIRELLES, 1984, p.20)

Não existem motivos para que sejam escritos textos sem atributos literários, no que se refere ao público infantil, pois as crianças são muito mais inteligentes e críticas,

do que muitos de nós podemos imaginar. Elas sabem escolher os livros que são realmente interessantes, que fazem sentido, e que despertam a sua imaginação.

A criança tem pouca oportunidade de escolha, pois seus livros são pensados, escritos e comprados pelos adultos, de acordo com o que acreditam ser bom para ela. O adulto escreve aquilo que a criança deve ler, pelo seu ponto de vista, e acaba por não pensar naquilo que ela gostaria de ler. Meirelles afirma ser importante levar em consideração a opinião do sujeito mais interessado na obra, ou seja, a criança.

Por isso, em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo à crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela a satisfaz ou não. (IBID, p.30)

Podemos afirmar então, que o livro infantil é aquele que a própria criança escolhe, lê, sente prazer e interage com a leitura. O livro é infantil quando cai no gosto da criança, que elege a história própria para si. Somente após este contato, é que podemos atribuir ao livro o título infantil. Como podemos verificar, através dos exemplos de Sorrenti (1995): “Há livros que não foram, inicialmente, escritos para as crianças, mas caindo no seu agrado, logo foram adaptados, como As Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, e Robinson Crusoe, de Daniel Defoe.”(p.24).

As crianças precisam ter o direito de lerem aquilo que lhes interessem, mesmo que os adultos julguem impróprios para sua idade. No caso dos clássicos citados por Sorrenti, não foram, a priori, escritos para o público infantil, entretanto, as crianças tiveram acesso a eles, e os elegeram livros infantis, por terem feito a sua alegria, e ainda fazem até hoje.

Não podemos ser injustos com alguns autores que escrevem, ou escreveram, diretamente para as crianças, obras literárias de grande valor artístico, estético e literário. Além desses três requisitos, são textos muito interessantes, que fazem com que as crianças reflitam sobre a história e se identifiquem com o que estão lendo, ora pela narrativa, ora pelos personagens.

Podemos citar alguns, tais como: Monteiro Lobato, com suas histórias do Sítio do Picapau Amarelo, que encantou e ainda encanta crianças e adultos; os poetas Cecília Meirelles, com o poema "Ou Isto ou Aquilo", que nos deixa em dúvida, porém não cansamos de relê-lo, e Vinícius de Moraes, com sua casa que nada tem, mas que aguça a imaginação de todos nós; Ziraldo e "O Menino Maluquinho", que qualquer criança, ou adulto, gostaria de ser; Ana Maria Machado e Lygia Bojunga Nunes, autoras de livros infantis, que pelo ótimo trabalho que realizam, foram merecedoras do Prêmio Christian Andersen, o Nobel da literatura infanto-juvenil, dentre outros autores.

Um livro infantil não pode ter apenas a finalidade de educar. Sabemos que o livro forma, entretanto precisa fazer com que a criança vivencie e se interesse pela história que está lendo. Ela rejeita aquilo que não lhe interessa.

Já que nos preocupamos tanto em formar leitores e escritores, no sentido mais complexo dos termos, devemos oferecer à criança leituras de qualidade, e até mesmo deixar que ela escolha o que mais lhe agrade, deixando de lado esses livros carregados de intenção moralizante. Zilberman (1998) afirma que a escola

... é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Revela-se imprescindível e vital um redimensionamento de tais relações, de modo a transformá-las eventualmente no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim. (p.14)

A relação criança - livro deve se dar com liberdade e prazer. Liberdade no sentido de poder escolher o livro que mais interessa, sem necessariamente ser classificado, por algum adulto, como infantil. E prazer pelo fato de não existir no mundo um leitor que não goste de ler.

CONCLUSÃO

Podemos afirmar que a literatura tem na escola uma grande aliada para a sua difusão dentre as crianças. É na escola que a maioria delas têm acesso aos livros de histórias. Existem pais que apresentam a leitura desde cedo para os filhos, porém infelizmente são casos excepcionais.

Sendo assim o papel da escola, e conseqüentemente do professor, é de explorar ao máximo este ambiente favorável, na intenção de desenvolver em seus alunos o prazer em ler, o gosto pela leitura, que é algo indispensável para um bom leitor e escritor. Nós, educadores, devemos ter a preocupação em fazer com que nossos alunos leiam, mas não qualquer livro. A criança precisa ter acesso a literatura de qualidade, porém é necessário que lhe seja concedido o direito de escolha. Ler por obrigação só faz afastar o aluno da leitura.

A leitura não deve estar sempre atrelada a uma atividade ou avaliação. A literatura pode ser um fim em si mesma. Ler já é uma atividade bastante enriquecedora para o sujeito. Além disso, a maioria das atividades se prende a "gramatiquice" fugindo da essência da obra lida, acabando por desvalorizar a leitura.

A criança não precisa memorizar o que leu. Se ela gostou e se emocionou com a leitura, com certeza não esquecerá nunca mais. Basta que o professor tenha sensibilidade para perceber se há oportunidade ou não de elaborar uma atividade significativa. Se for só por obrigação não valerá a pena.

A formação de alunos leitores e escritores se dá com literatura de qualidade e muito prazer com a leitura. E literatura de qualidade não é só narrativa. Os poemas, os contos, romances, etc. também podem agradar ao leitor. Para isso é importante que a escola proporcione aos seus alunos contato com os tipos de textos literários. Não podemos afirmar que gostamos só de aventura, se nunca experimentamos ler um conto de fadas.

Um bom leitor é aquele que conhece a diversidade, e dentro dela escolhe o que mais lhe agrada, sem tirar o valor das demais opções. Seria uma escolha justa, por maior identificação com determinado estilo.

A criança não deve ser obrigada a ler apenas literatura infantil, por ter sido destinada a ela. Nem sempre ela se contenta apenas com esse gênero. E nada de achar que ela não tem idade para ler isto ou aquilo, se a própria criança perceber isto, irá rejeitar a leitura.

Além disso é necessário que o professor tenha um bom conhecimento sobre literatura, e principalmente infantil, para poder selecionar o que seus alunos irão ler. Não estou querendo dizer “censurar”, mas escolher. Existem muitas obras infantis de pouca qualidade, que por terem bichinhos e serem bem coloridas, intitulam-se como literatura.

E para que o educador tenha este conhecimento, cabe às instituições responsáveis pela formação de professores e professoras, abrir espaço nos seus currículos para trabalhar e discutir literatura. E não é só isso. É importante que estes futuros educadores possam também ter acesso a leitura de qualidade, possam ter espaço para ler literatura.

A literatura é tanto um divertimento quanto aprendizagem. Ao ler uma história, ao mesmo tempo em que estamos nos emocionando com os acontecimentos, estamos também aprendendo. Através do lúdico é possível desenvolver conceitos e senso crítico.

Como experiência pessoal, esta pesquisa me proporcionou um grande crescimento enquanto leitora e escritora, me sinto muito mais competente após a realização deste projeto. Agora posso afirmar o quanto a leitura é importante na vida do sujeito, e como a literatura pode ser responsável por esta aproximação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*. 5.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- ALVES, Rubem. *O Poeta, o Guerreiro, o Profeta*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992
- AMARILHA, Marly. *Estão mortas as fadas? – Literatura infantil e prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes, Natal: EDUFRRN, 1997.
- CABRAL, Márcia. *A Criança e o Livro: Memória em Fragmentos*. In: KRAMER, S. & LEITE, Maria Isabel (Orgs.). *Infância e Produção Cultural*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- CARVALHO, Carlos Roberto de. *Por que precisamos da poesia*. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Múltiplas Linguagens na Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria – Análise – Didática*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1993.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e Prática*. 13.ed. São Paulo: Ática, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GARCIA, Sílvia C. G. & SILVA, Antônio M.S. *Pauta de Literatura*. In: *Leitura: Teoria & Prática - ano 19, junho, nº36* – Campinas, S.P: ALB. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.
- LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- _____. *Texturas: Sobre Leitura e Escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MEIRELLES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SILVA, Ezequiel Theodoro. A Criança e a Leitura: Da Obrigação ao Lazer. In: *Leitura: Teoria & Prática* - ano 8, junho, nº13 - Campinas, S.P: ALB. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 10 ed. Campinas, SP: Cortez, 2001.

SORRENTI, Neusa. A hora e a vez da literatura infantil. In: *Presença Pedagógica*, nº03, Minas Gerais. Editora Dimensão, 1995.

ZACCUR, Edwiges. Aprendiz de modelo, ou modelo de aprendiz. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). *A Formação da Professora Alfabetizadora: Reflexões sobre a prática*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
PROFESSORA: GUARACIRA GOUVÊA DE SOUSA

DISCIPLINA MONOGRAFIA II – 2003/1

Ficha de Registro de notas

Aluno: Renata de Castro Simolin

Título da Monografia: A Literatura na Formação de Leitores e Escritores

professor	nome	nota	assinatura
orientador	Carmen D. S. Sanchez Sampaio	9,5	Carmen D. S. Sanchez Sampaio
leitor	Ligia Martha	9,5	
disciplina	Guaracira Gouvêa de Sousa	9,5	GG

Entregue em: 10/09/2003

Assinatura prof/orientador: Carmen D. S. Sanchez Sampaio

Assinatura prof/disciplina: Guaracira G de Sousa

AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO DE GRADUAÇÃO

Título: A literatura na formação de leitores e escritores
Graduanda: Renata de Castro Sundin
Orientadora: Carmem Sanches

Considerações Gerais

O trabalho de final de curso de Renata está muito bom. Apresenta tema e problema claros; há questões que são respondidas ao longo do texto escrito e coerência de idéias.

A título de reflexão, acredito que Renata poderia ter explicitado e aprofundado a questão relativa aos usos pedagógicos e estético-literários deste gênero textual – a literatura infantil. Ou seja, principalmente no último capítulo, a graduanda cita o problema e o debate sem, no entanto, aprofundar o que podemos entender (e fazer em sala, metodologicamente falando) quando nos referimos a "estatuto literário" do texto, "prazer estético" etc.

A leitura de Roland Barthes (O Prazer do Texto) auxiliaria um pouco, assim como autores que trabalham os textos em sua literariedade (Vitor Manuel de Aguiar e Silva; Tzvetan Todorov), mesmo que de uma forma ainda superficial. Esta sugestão tem por objetivo fazer com que nos afastemos, nos Cursos de Pedagogia, das assim chamadas "frases feitas", sem adentrarmos na área de conhecimento específica que pode nos dar subsídios para melhor entender essas mesmas frases.

De um modo geral, o trabalho – como disse – está muito bom e abrange facetas importantes da discussão acerca do tema escolhido. Parabéns pelo trabalho, Renata!!!

Avaliação : **9,5 (nove e meio)**

Carmem Sanches